

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

Atena  
Editora  
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**  
Editora  
Ano 2023



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina  
 sProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 aProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Paulo José da Costa

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401">https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401</a>  1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título.  CDD 150.195
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

**SUMÁRIO****SUMÁRIO ..... 5****CAPÍTULO 1 ..... 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR

Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 ..... 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 ..... 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA

Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 ..... 48**

NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 ..... 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 ..... 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS

Carlos Henrique Barbosa Vieira

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 ..... 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>125</b>
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018">https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018</a>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>143</b>
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019">https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>156</b>
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110</a>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>172</b>
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>187</b>
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112</a>	
<b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>205</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>208</b>

# MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR

*Data de aceite: 11/11/2022*

### **Emanuelly Jackeliny Pissinati Martins**

Programa de Pós-graduação em  
Psicologia, Universidade Estadual de  
Maringá

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4681-1637>

### **Viviana Carola Velasco Martinez**

Programa de Pós-graduação em  
Psicologia, Universidade Estadual de  
Maringá

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3141306816608544>

### **Paulo José da Costa**

Programa de Pós-graduação em  
Psicologia, Universidade Estadual de  
Maringá

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

e repúdio diante do seu enredo. Não é diferente nos tempos atuais, pois reações semelhantes continuam nos afetando. (BRANDÃO, 1984)

Este trabalho tem como objetivo precisamente analisar tais reações que podem ser descritas como revolta, asco, repúdio e horror diante do assassinato dos próprios filhos, perpetrado por Medeia. E as analisamos do ponto de vista do recalque e da formação reativa, como uma resposta neurótica que, pautada no processo civilizatório, prioriza a proteção dos filhos decorrente de um amor materno que se supõe ser inabalável. Contudo, não deixamos de nos identificar, no plano fantasmático, com a mulher Medeia e sua fúria assassina na realização da grande vingança pela traição e abandono de Jasão, ou, o que é o mesmo, pela terrível ameaça de perder o amor do objeto. Aliás, não é incomum que algumas mulheres separadas se desinteressem pelas suas crias, como se um filho somente tivesse valor na medida

## INTRODUÇÃO

A tragédia de Medeia, na versão de Eurípidés (2006), tem como um dos atos mais impactantes de seu enredo o filicídio. Quando a peça foi apresentada aos atenienses, por volta de 431 a. C, a maioria se manifestou com grandiosa comoção

em que representa o falo da mãe, mas para ostentá-lo triunfante ao homem.

São nestes labirintos do desejo, e da defesa, que fazemos dialogar a tragédia grega *Medéia* (EURÍPIDES, 2006) com a teoria psicanalítica, tomando como ponte de aproximação o conceito aristotélico de catarse.

Sobre a articulação entre o mito – posto em cena nas tragédias gregas – e a psicanálise, diversos autores (BERLINCK, 1997; MIGLIAVACCA, 1992; MARTINEZ, 2003, 2017; ROMILLY, 1997) se referem não só à aproximação destes dois olhares sobre o homem do ponto de vista histórico – sobretudo no nascimento da subjetividade humana –, mas porque ambos se ocupam das paixões humanas, das inquietações da alma humana em todos os tempos. O próprio conceito de catarse, segundo Martinez (2003), adotado por Freud (BREUER; FREUD, 1996), nos *Estudos sobre a Histeria*, manteve o sentido atribuído por Aristóteles, ao se referir às tragédias gregas especificamente.

A Tragédia é a representação imitadora de uma ação séria, concreta, de certa grandeza, representada, e não narrada, por atores, com linguagem elegante, empregando um estilo diferente para cada uma das partes, e que, por meio da compaixão e o horror provoca o desencadeamento liberador de tais afetos (LESKY, 1970, apud MARTINEZ, 2003, p. 192).

É precisamente no ápice da tragédia, segundo Martinez (2003), quando o herói vai ser terrivelmente castigado, que a ideia de alívio estaria unida à satisfação dos afetos, o que para a psicanálise é algo muito familiar, pois diz respeito ao inconsciente. Aí está, pois, a nossa relação com Medeia filicida, onde a nossa identificação no triunfo – somos sempre responsáveis pelo assassinato do outro – é desfeita pelo horror.

Dediquemos algumas palavras a Eurípides para introduzir Medeia

## EURÍPEDES E SUAS OBRAS TRÁGICAS

Segundo Brandão (1984), Eurípides apresentou em Atenas suas peças teatrais de arte dramática e foi um dos mais populares e inovadores dentre os poetas trágicos, por abordar temas referentes à subjetividade humana, diferente do enfoque no divino dado por Ésquilo. O próprio Aristóteles, na sua *Poética* (2005), se refere à diferença entre Sófocles e Eurípides, no que diz respeito à concepção de homem que se destaca nas tragédias. Enquanto para Sófocles a ênfase estava no homem ideal, Eurípides coloca em cena o homem tal como ele é.

Considerado um prodigioso renovador das lendas e dos mitos, segundo Delcourt (apud MARTINEZ, 2003), o poeta reinterpreta as tradições relativas aos deuses e heróis, ao mesmo tempo em que se interroga sobre a dureza da vida. Isto o leva a dar um destaque inédito às personagens antes negligenciadas, como as mulheres e os escravos.

Segundo Martinez (2003), essa nova forma de encarar o humano, o indivíduo, a

mulher, o escravo, etc., o faz introduzir o tema do amor nas suas peças,

[...] do amor entre um homem e uma mulher, o amor capaz de consumir, de enlouquecer, de matar e de fazer morrer. [...] Assim nos diz Lesky (1970:200), “Em Eurípides, a ação desliga-se de todas as relações religiosas, são seres humanos os que a realizam e são eles que responderão por ela, embora não possam fazê-lo”. [...] E o pensamento de Brandão (1991:433): “Seja como for o que se evidencia no mito transmutado em tragédia por Eurípides é a superlativação do ‘páthos, da paixão”’. (MARTINEZ, 2003, p. 187)

Por outro lado, temos também a grande inovação em relação à introdução de motivos íntimos das personagens, das fraquezas humanas, mesmo em personagens masculinas. E, finalmente, e em idade avançada, introduziu a música nas tragédias.

Lopes (2008), por sua vez, considera Eurípides

[...] um lírico dos maiores, incomparável, nas vozes líricas da realidade. Também é, por excelência, o primeiro “psicólogo” da dramaturgia, pois é o descobridor da alma num sentido completamente novo, o inquiridor do inquieto mundo dos sentimentos e das paixões humanas. (LOPES, 2008, p. 04).

Por outro lado, Brandão (1984), o autor que introduziu as primeiras traduções das tragédias gregas no Brasil, ressalta os temas tratados por Eurípides em torno dos marginalizados, ou excluídos social e politicamente, daquele tempo. Ainda segundo o autor, devido a sua ousadia referente aos temas abordados, Eurípides enfrentou o conservadorismo e preconceito dos atenienses que assistiam as suas peças, os quais se incomodavam com a presença daqueles que não eram considerados cidadãos nos seus enredos, de forma que o público, muitas vezes, expressava escárnio e rejeição às suas produções. Temos aí Medeia, estrangeira, feiticeira, tida como bárbara e, ainda, filicida. É isso o que nos interessa.

## **A TRAGÉDIA DE MEDEIA**

Medeia, de Eurípides (2006), tem como cenário a cidade de Corinto. Um coro, formado apenas por mulheres locais, vai anunciando o conflito que, por sua vez, anuncia a tragédia. Entre as diversas personagens temos a Nutriz; o Mensageiro; Medeia, a feiticeira, neta do deus Sol; os dois pequenos filhos; um Pedagogo, responsável pelos cuidados das crianças; Jasão, ex-marido de Medeia; Creonte, rei de Corinto e Glauce, filha do rei.

Logo, desde o início, a Nutriz nos põe a par do drama: Jasão abandona Medeia para se casar com Glauce, a filha do rei de Corinto. O sofrimento de Medeia é intenso, ela odeia Jasão e a sua ambivalência em relação aos pequenos filhos se torna evidente. A Nutriz expressa seu temor em relação ao que sua senhora seria capaz de fazer e anuncia: “Ela é terrível: quem seu inimigo se tornar não trará vitória fácil.” (EURÍPIDES, 2006, p. 35).

Jasão havia sido convidado pelo rei Creonte, que já estava idoso, a se casar com a sua filha e se tornar o próximo rei. Vendo nesta situação uma grande oportunidade para realizar o seu desejo de ascender ao poder, ele, um banido por seus crimes junto com Medeia, resolve se casar com princesa. Para isso, abandona Medeia, que foi tomada de cólera, sofrimento e raiva. A Nutriz alertou aos filhos do casal para que não se deixassem ver pela mãe, pois temia que algo ruim ocorresse com eles. Em dado momento, Medeia maldisse os seus filhos, mas, ao mesmo tempo, questionou o motivo de tal ódio em relação às crianças, uma vez que as suas dores estavam relacionadas com Jasão, não com os filhos. O Coro aconselhou que ela não se deixasse consumir, pelas dores, pois a traição do ex-marido era algo comum. Porém, a Nutriz afirmou que não seria breve a fúria de Medeia. Neste momento, a heroína manifestou claramente seu desejo de destruição.

Além da condição de abandono pelo marido, a neta do deus Sol recebeu de Creonte a determinação de sair da cidade com seus filhos, o mais rápido possível, porque o rei temia a feiticeira, já bastante conhecida por seus poderes e maldades cometidas em seu passado. Supunha que ela representava uma ameaça à princesa, futura esposa de Jasão. Diante da determinação do rei, Medeia solicitou sua permanência na cidade, justificando que apenas Jasão despertava seu ódio e nada de ruim sentia pelo rei e sua filha, não havendo motivo para que temessem sua presença ali. Contudo, Creonte, não se convenceu e afirmou o seu receio sobre possíveis maldades que ela pudesse cometer, tomada pela ira. Não sendo possível persuadir o rei, suplicou por mais um dia na cidade para que se organizasse e procurasse um lugar de refúgio. O rei concedeu permissão, sob a condição de que ela não estivesse mais ali no próximo nascer do sol, ou ela e seus filhos morreriam. Apesar de ser um motivo verdadeiro, o de buscar suporte em algum outro território, fez uso do tempo concedido para arquitetar sua grande vingança contra Jasão, o rei e a princesa.

Após a imposição do rei à Medeia, Jasão foi ao encontro dela para dizer que não lhe desejava o mal e que não ambicionava sua partida, mesmo que ela proferisse palavras rudes contra ele. Diante do ex-marido, a mulher respondeu com palavras odiosas o quanto estava ferida com o abandono e o considerava despuadorado por cometer o ato vil de traição, pois ela o salvara de muitos perigos durante a sua trajetória até ali. Em nome do amor, ela matou pessoas, traiu a pátria e a própria família. O acusou de, após conseguir alcançar seus objetivos, abandona-la sem considerar os seus esforços. Jasão discordou dela, explicando que retribuiu seus favores, proporcionando-lhe a oportunidade de viver em terras gregas, conhecer as leis e a justiça. Sobre se casar com outra mulher, justificou seu ato como benéfico a ela e aos filhos, pois ao se tornar soberano lhes proporcionaria boas condições de vida e estabeleceria um grau de parentesco com aqueles que viveriam no reino. Assim, o casamento não estaria motivado pela princesa como mulher, mas por aquilo

que o matrimônio possibilitaria.

Medeia não aceitou os argumentos dele e seguiu com seus planos de vingança. Após ter seu exílio assegurado nas terras do rei Egeu – o qual jurou protegê-la e nunca expulsá-la de seu território, em troca da possibilidade de ter uma descendência com o uso dos seus recursos de feiticeira – Medeia confirmou que em breve habitaria as novas terras, mas ainda tinha atividades a serem realizadas em Corinto (arquitetar seus planos de vingança e triunfo contra aqueles que a desonraram). Então disse ao Coro:

Mandarei servo meu até Jasão  
e rogarei que venha defrontar-me;  
Ao chegar, doces ditos dir-lhe-ei:  
+ que para mim também parece bom +  
ter ele núpcias régias (pós trair-nos!) [...]  
rogarei que meus filhos permaneçam  
– não que os queira deixar em terra adversa  
onde inimigos podem agredi-los:  
é que a filha do rei, com dolo, mato!  
Vou mandá-los com dádivas nas mãos, [...]  
Se ela aceitar o enfeite e ornar o talhe,  
morrerá atrozmente – e quem tocá-la:  
com tais venenos untarei o dom! [...]  
[...] depois: massacrarei os filhos  
meus – não há quem os possa preservar.  
(EURÍPIDES, 2006, p. 103, 105).

E assim foi feito! Diante de Jasão, Medeia pediu-lhe perdão pelas palavras proferidas e pela maneira como tratou a ele e ao soberano. Alegou ter pensado que, na verdade, deveria tê-lo apoiado e gostaria de fazer uma tentativa para manter seus filhos na cidade, enviando, por meio destes, presentes à princesa para que as crianças solicitassem permissão de estadia em Corinto. Entretanto, tais presentes estavam enfeitizados. Assim, Jasão levou os filhos ao encontro da princesa.

Na sequência, surgiu o mensageiro alertando para que Medeia fugisse dali imediatamente, pois a filha do rei e seu pai haviam falecido. Tudo aconteceu, segundo ele, logo depois das crianças saírem do palácio real. Após a princesa vestir os presentes (um véu e uma coroa), correu pelos cômodos do recinto, caiu ao chão gemendo com os olhos cerrados. Para agravar a situação, a coroa começou a flamejar e todo o corpo da jovem foi tomado pelo fogo. O rei correu para socorrê-la, mas a tentativa foi em vão, pois este,

quando a tomou nos braços e deu-lhe um beijo, ao tentar levantar-se ficou preso à filha; se tentava se soltar, sua carne – que estava colada à pele da filha – se desprendia dos ossos. Assim, foi igualmente tomado pelo fogo.

Com o retorno dos filhos, Medeia, mandou-os entrar na casa e decidiu matá-los com suas próprias mãos, já que poderiam ser vítimas de mãos inimigas, haja vista que a morte deles seria inevitável quando descobrissem que o rei e sua filha faleceram por seus feitos. Mas, também, seria a sua vingança máxima contra Jasão.

Ela acariciou os filhos e declarou: “Eu sei quais males hei de perpetrar, mas a fúria é mais forte que a razão e, para os homens, traz os males máximos” (EURÍPIDES, 2006, p. 131). Assim, Medeia, mesmo amando os filhos e sofrendo com tal decisão, não hesitou:

Caras, meu ato está determinado:  
matar meus filhos e fugir daqui  
logo, e não, com demora, abandoná-los  
a assassinio de braço mais malévolo.  
Sua morte é necessária e, sendo assim,  
nós mataremos, nós que os engendramos.  
Vamos, arma-te, cor! Por que tardamos  
em obrar males tetros – mas fatais?  
Eia, meu pobre braço, toma o gládio,  
[...] toma, arroja-te ao triste umbral da vida,  
não te aviltes nem lembres que amas filhos,  
que os pariste, mas, neste breve dia  
pelo menos, olvida os filhos teus –  
e depois chora! Pois, embora os mates,  
amaste-os. Sou mulher infortunada.  
(EURÍPIDES, 2006, pp. 145,147).

Então, ouviram-se os gritos das crianças dentro da casa, que tentavam fugir da mãe. Quando Jasão apareceu à procura dos filhos, a fim de protegê-los, já era tarde, sua presença ali era inútil. O coro o notificou sobre a morte das crianças e a partida da mãe, caindo ele em desgraça pela morte de seus filhos. Eis que Medeia surgiu então nos ares, em um carro obtido de seu avô, o deus Sol, e disse a Jasão que entrar na casa seria em vão, pois não os encontraria lá, que com este feito cumprira o seu dever ao atingi-lo profundamente. Ele declarou que o ato cometido por Medeia jamais seria realizado por uma mulher grega.

Jasão alegou que Medeia também sofria pela morte dos filhos. Ela concordou, mas

revelou sofrer menos ao vê-lo triste e adicionou que, em verdade, a morte dos filhos foi provocada pela traição dele. Jasão solicitou velar os corpos dos filhos, o que Ihe é negado, pois Medeia o faria no templo da deusa Hera e depois viveria nas terras de Egeu. Coro encerra a trama.

## PURGAÇÃO E ESCOAMENTO DO EXCESSO

De acordo com Aristóteles (2005), o herói trágico não é caracterizado como unicamente bom ou mau. Portanto, é preciso não se apressar num julgamento de Medeia, embora seus feitos mobilizem isso, como foi apontado por Brandão (1984). Assim, de acordo com Oliveira (2006), ela pode ser vista como uma mulher que agiu pelo furor incontrolável, mas o que propulsionou seus atos, inclusive o filicídio, foram algumas reações emocionais mais complexas. Pode-se pensar que Medeia vingou-se movida pela *timé*, que se refere ao sentimento de honra e valorização pessoal, devendo ser defendida a qualquer custo. Associada à defesa da honra, também denota-se em seus atos a *hýbris*, um estado de manifestações excessivas, transgressivas, de desmedida, que se manifesta, entre outras coisas, com intensa violência (SILVA, 2014). Outro aspecto a se considerar é a *areté*, como o valor pessoal, a excelência, que, no caso dos heróis em geral, associa-se à sua ascendência divina que Ihe confere características superiores. Nesse sentido, podemos sustentar tais conjecturas sobre os atos da heroína, a partir da afirmação abaixo:

Dotado de *areté*, mais perto dos deuses do que dos homens, o herói está sempre numa situação limite, e a *areté*, a sua superioridade e excelência, leva-o facilmente a transgredir os limites impostos pelo *métron*, suscitando-lhe o orgulho desmedido e a insolência, a *hýbris* (BRANDÃO, 1987, p. 67).

Segundo Oliveira (2006), Medeia, por ser neta do deus Sol e filha de um rei, merecidamente deveria ser tratada com grande respeito. Além disso, por trair seus familiares e realizar seus crimes, por amor a Jasão, ele deveria Ihe ser grato e retribuir seus esforços com dedicação e honra. Mas, ao traí-la, não é isso que acontece. Desta maneira, para não perder sua *timé*, a heroína vê como única alternativa a vingança, pois “Entre os gregos, o nobre que é ferido em sua honra tem não só o direito, mas o dever de vingar-se.” (OLIVEIRA, 2006, p. 15). Por outro lado, não esqueçamos que os deuses preparam o terreno para o grande castigo de Jasão, pois ele havia cometido perjúrio, isto é, jurou fidelidade e amor eternos a Medeia, em vão. O juramento é sagrado e, por isso, Jasão sofrerá as consequências.

Para pensarmos nos impactos que os feitos de Medeia possam ter nos espectadores, precisamos considerar que, numa perspectiva aristotélica, a comoção remeteria à apreensão de algo profundo da existência humana, de modo a promover uma purgação

e escoamento das emoções excessivas, que teria como resultado a sensação de alívio, purificação e apaziguamento. Segundo Aristóteles (2005), a arte como um todo (neste caso, a tragédia), por representar ações humanas, causa um forte impacto naqueles que se deparam com a trama. Também é preciso ter em conta que os textos trágicos gregos, e particularmente a tragédia *Medéia* (EURÍPIDES, 2006), carregados de significação mítica, expressam conteúdos humanos profundos que ultrapassam o contexto histórico em que foram criados. Por essa perspectiva, é possível supor que

O desfecho desta narrativa mítica, ou seja, a morte dos filhos causada pelas mãos da própria genitora, não se restringe ao cenário mítico que acabamos de citar. [...] os mitos retratam o ser humano em sua essência e este é um dos motivos pelo qual as narrativas não se tornam ultrapassadas conforme o avanço do tempo. Sendo assim, podemos dizer que a temática do filicídio, retratada em *Medéia*, refere-se a um tema atual. (MARTINS, 2015, p. 53).

Um exemplo da atemporalidade desta temática do filicídio, tanto do ponto de vista da ocorrência quanto do seu impacto, é o caso Nardoni, ocorrido em São Paulo-SP em 2008, onde o pai e a madrasta são condenados pela morte da filha de 5 anos de idade, tendo gerado grande repercussão em todo o país (BATISTA JR., 2020; LIMA; BERTONI, n. d.). Na época, muitas pessoas, inclusive de outras cidades, foram até o local em que os acusados se encontravam para o procedimento de reconstrução do crime, xingando-os, além de outras manifestações. A indignação foi grande. Contudo, é possível conjecturar que muitos dos que se deram ao trabalho de comparecer nesse dia e em outras manifestações sobre o caso, o fizeram tanto para ver o que acontecia, quanto para, provavelmente, dar vazão a algo que lhes foi mobilizado pela situação. Nessa busca por ver e dar vazão, é preciso considerar uma possível necessidade de se produzir algum nível de descarga que, sob certa perspectiva, segundo Jablonski (1978), geraria um efeito catártico.

Para Aristóteles (2005), a tragédia grega, ao despertar sentimentos de piedade e medo, incita a catarse naqueles que a assistem, tocados pelas paixões mobilizadas pela encenação trágica. Portanto, algo é expresso e vivenciado pela mediação cênica, que leva à descarga e ao conseqüente alívio das tensões que foram geradas. O que nos leva a pensar na descarga pulsional, mediada pela ab-reação e pela catarse – dos primeiros tempos da técnica psicanalítica –, onde a purgação catártica permitiria o alívio das tensões psíquicas e o restabelecimento de um certo controle emocional que se encontrava ameaçado pelo vivido consciente e/ou inconsciente. Nesse estado de alívio, o prazer é experimentado duplamente, na descarga e no controle, segundo Miller (2001). Deste modo, o teatro, particularmente o trágico conforme abordado aqui, serviria como uma válvula de descarga de conteúdos censurados, que podem encontrar uma via de apaziguamento seguro, pois o público não se daria conta da satisfação pulsional.

Sobre a descarga, Jablonski (1978) expõe que, de acordo com um determinado modelo chamado por ele de hidráulico, há a suposição da

[...] existência de um reservatório armazenador de energia. A hostilidade – e demais emoções – se não são descarregadas, vão acumulando tensões até níveis comprometedores à sanidade do organismo. A descarga – seja pela saída adequada, seja por saídas substitutivas – diminui o nível de tensão existente. (JABLONSKI, 1978, p. 12).

Para Marco (2012), a catarse é um processo no qual o sujeito que assiste às cenas trágicas, por exemplo, está imune a qualquer consequência negativa, se levarmos em conta que a tragédia aborda e expressa conteúdos pulsionais desconhecidos pelo indivíduo que acompanha o desenrolar das cenas (MIGLIAVACCA, 2004), pois tais conteúdos humanos sofrem transformações durante a produção das obras em questão. Nesse sentido, quando o espectador aprecia o desenrolar do teatro trágico, sente como se vivenciasse as emoções dos atores, dos personagens, e não consegue reconhecer que elas, de algum modo, também fazem parte de seu mundo interno.

Freud (1986) já havia comentado sobre esse processo quando afirmou que “[...] a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo.” (p. 273). Mas, explica o autor que, o sujeito, ao acompanhar a cena trágica, se envolve nesse processo “[...] com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual.” (p. 273). Assim, conforme afirma Lesky (1976), nos relacionamos com o nosso próprio mundo ao sermos afetados e nos sentirmos comovidos com o enredo trágico, pois “Somente quando temos a sensação do *Nostra res agitur*, quando nos sentimos atingidos nas profundas camadas de nosso ser, é que experimentamos o trágico.” (p. 26-27), mesmo que tudo isso seja mediado pelo recalçamento, de modo que o espectador não se dê conta da satisfação pulsional mediada pela ab-reação e pela catarse.

## O PULSIONAL E O FILICÍDIO

De acordo com Freud (1996b), os processos mentais inconscientes são os processos mais antigos e primários, do ser humano. Estes são dominados pelo princípio de prazer, ou seja, buscam alcançar satisfação por meio da eliminação (alívio) da tensão, ou mesmo afastar-se de qualquer evento que possa causar desprazer. No início da vida humana, o psiquismo é governado por tal princípio; porém, diante das frustrações oriundas da ausência da satisfação imediata esperada e com o desapontamento experimentado, a criança desenvolve o processo alucinatório em busca de satisfação. A obtenção de prazer por meio das fantasias é fundamental como defesa para o ser humano, pois possibilita fazer os acordos mentais entre o desejo pulsional e o princípio de realidade. A inserção gradual

no princípio de realidade ocorre pelo recalçamento primário; nele são reprimidos conteúdos relacionados à sexualidade infantil, os quais não serão acessados pelos neuróticos, pois, caso o fossem, provocariam dor e mal-estar no sujeito. Este processo acarreta uma divisão psíquica entre o que, para o sujeito, é inconsciente e o que é consciente.

No inconsciente, o princípio de prazer governa os desejos infantis recalçados que se movimentam para tornarem-se conscientes, mas, geralmente, são barrados. O inconsciente, por sua vez, é marcado pela onipotência e pelo não reconhecimento das censuras que são impostas pela realidade, sendo uma parte do psiquismo movida pelo princípio de prazer em que o desejo impera, exigindo a satisfação pulsional imediata. Para Freud (1996b), o princípio de realidade é o regulador do funcionamento psíquico que garante a realização das satisfações de forma mais segura, ou seja, não suprime o princípio de prazer, mas negocia com ele as situações prazerosas. O princípio de realidade não constitui uma forma imediata de descarregar a tensão pulsional, retendo-a até o momento adequado.

Tendo em vista essa dinâmica dos processos psíquicos, tomamos Medeia como um modelo a partir do qual é possível pensar na expressão de um funcionamento em que a possibilidade de driblar as barreiras impostas pela realidade e atingir a realização de seus desejos sem limites acontece, o que nos leva a conjecturar, por comparação, sobre uma estrutura psíquica desprovida de diques suficientemente fortes para conter as moções pulsionais, uma vez que tudo lhe parece possível, pois nada a detém. Afinal de contas, nossa heroína trágica, sendo uma figura semidivina, dotada de poderes mágicos, conhecedora de feitiços, não podia se deter diante das leis da *pólis*, da civilização, nem mesmo em função de suas próprias dúvidas.

De modo geral, associamos psicanaliticamente o filicídio à manifestação da violência pulsional arcaica, infantil e indomável. No caso do ato dirigido aos filhos, teríamos, especificamente, as pulsões agressivas. Talvez, por isso, ocorra tão grande comoção em quem entra em contato com a ocorrência de casos de tamanha violência. A tragédia grega *Medéia* (EURÍPIDES, 2006), por apresentar esse fenômeno, conseqüentemente desperta reações, sendo o assassinato dos filhos o ponto que, em geral, mais chama a atenção do espectador. Supomos que a personagem Medeia, na mente de quem entra em contato com a trama, remeta a um sujeito violento, cruel, que externaliza cruamente seus desejos. Considerando essa suposição, é possível levantar a hipótese de que toda essa condição possa ser relacionada com as características do infantil polimórfico-perverso.

De acordo com Schaffa (2009), Medeia, em sua explosão de fúria, permite-nos supor sobre a agressividade de um sujeito que fora abandonado pelo objeto amado e se sentiu, portanto, frente a frente com a ameaça da perda do amor deste objeto. O impulso agressivo é parte constituinte de nossa humanidade, desde o momento mais incipiente de nossa

existência. O desenrolar da trama, com as ações de Medeia diante da ruptura conjugal, nos leva a pensar em alguém que necessita fazer rearranjos psíquicos que possam sustentar sua onipotência, talvez tentando dar conta da perda. Ao ser substituída por outra mulher, ela ataca Jasão usando aquilo que lhe é mais precioso: primeiramente mata a princesa e o rei, impedindo-o de atingir ao poder almejado, e depois mata os filhos, exterminando a sua descendência. E quem já desejou atingir violentamente um objeto por perder seu amor, mas não o fez por compreender as imposições e limites da realidade – e, especialmente, às exigências do Superego –, talvez se sinta ainda mais comovido com esse enredo trágico, ao reconhecer em si mesmo o desejo realizado por Medeia na trama euripídiana.

Diante da reação de Medeia ao se deparar com a partida de Jasão, podemos correlacionar o ataque aos filhos como uma tentativa de preservação narcísica diante de situações que possam ser encaradas pelo sujeito como muito ameaçadoras. Este é um mecanismo que pode ser suposto nessa trama, tendo em vista que, antes mesmo da traição de Jasão, Medeia agiu de forma muito violenta: assassinou, esquartejou o próprio irmão e espalhou as partes do corpo no mar, para evitar que o pai a alcançasse quando traiu sua pátria movida pela paixão desmedida ao herói agora odiado. O que poderíamos destacar como fator diferencial no filicídio é que o ato ocorreu como resposta a uma traição, numa forma de castigo em que Jasão fica sem a garantia de perpetuar sua descendência. Supomos que uma situação desse tipo reforçaria a onipotência narcísica, pois, usando Medeia como modelo de tal condição, mesmo vivenciando profundo sofrimento, ela não se anula, pune Jasão, consegue um lugar para passar o restante de sua vida, permanece impune, preserva sua *timé* e sua *areté*. Segundo Monteiro (2008, p. 61), “Medéia clama por vingança e diz que a mulher foge da luta por medo, mas quando seu leito é ultrajado não existe alma mais sedenta de sangue.” Jasão é, inclusive, abandonado pelos deuses, que não o ajudam em momento algum deste enredo; tudo lhe é retirado e a vingança se consuma plenamente.

Martins (2015) comenta que, embora não se possa desconsiderar a desonra sofrida por Medeia, não há como nos defrontarmos com as suas ações – seja assistindo a peça no teatro, ou na versão cinematográfica, ou ainda que seja pela leitura do texto – e não as considerarmos violentas, hediondas, brutais.

Contudo, se em certo momento ela nos gera tal sentimento negativo, em outro, ela nos desperta sentimentos de piedade, quando pensamos no quanto ela se dedicou para provar seu amor a Jasão. Esta ambiguidade de afetos nos leva para além de uma característica da tragédia grega, a uma característica do ser humano. (MARTINS, 2015, p. 53).

A própria heroína, em certos momentos da trama, expressa a ambiguidade, conforme aponta Martins (2015, p. 53):

No momento em que Medéia entra em contato com seus sentimentos de mãe, coloca-se em uma situação dual entre tais emoções e seus planos monstruosos de acabar com a vida de seus filhos, ocorrendo assim uma batalha interna revelada em seu monólogo íntimo verificado no momento em que ela se prepara para o ato filicida. Em tal situação, a personagem expressa sentimentos bons para com os filhos e hesita (mesmo que por pouco tempo) em continuar seu plano.

Nesse ponto da nossa argumentação, resgatamos a afirmação de Brandão (1984, p. 70) de que “Medéia não é apenas a esposa sanguinária e vingativa, mas uma figura que personifica as forças cegas e irracionais da natureza”, sendo tais forças compartilhadas por todos os seres humanos e se expressam pelas paixões e ambiguidades presentes na nossa existência.

Tomando novamente Medeia como um modelo para tecer considerações acerca de alguns conceitos psicanalíticos, podemos ponderar um certo paralelo entre algumas características da heroína e aspectos narcísicos, especialmente se levarmos em conta os seus dons mágicos, com o que ocorre nos primeiros momentos da vida em que a criança tem a fantasia de que é ela quem controla a realidade externa. Assim, inferimos que através das características e ações de Medeia na trama, é possível que acessemos, mesmo que de modo mediado, a desejos humanos arcaicos, que ainda se movimentam no nosso inconsciente e lá se encontram rechaçados em prol da manutenção do processo civilizatório. Portanto, o contato com esta figura mítica tão intrigante e, deveras, polêmica, pode mobilizar internamente nos sujeitos o horror às suas ações filicidas. Os aspectos anais arcaicos são evidentes, pois ela manipula poções de encantamento, venenos, substâncias, ela esquarteja, ressuscita; ela pode tudo.

## COMOÇÃO E HORROR DIANTE DO FILICÍDIO

Na evolução do pensamento freudiano, encontramos que a renúncia aos prazeres sexuais polimórfico-perversos e a sua submissão ao recalçamento tem como objetivo atender aos preceitos morais da vida civilizada e comunitária. Tanto que Freud (1996g, p. 96) é enfático: “[...] a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais [...] servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar seus relacionamentos mútuos”. Assim, quando estes conteúdos suprimidos se apresentam novamente, são geradores de choque e conflito nos sujeitos, uma vez que desorganizam aquilo que um dia foi estruturado de uma forma possível para aquelas condições.

Segundo Freud (1996f), o recalque é uma força exercida ininterruptamente sobre os elementos rechaçados que desejam vir à tona. Deste modo, uma força exerce pressão sobre a outra e o embate entre ambas causa sofrimento. No processo civilizatório, a pulsão

sexual é canalizada para outras finalidades, como o trabalho e as artes, por exemplo. Para Freud (1996g), este movimento explicaria a neurose, pois todos os sujeitos sofreriam em diferentes graus pelos sacrifícios pulsionais diante da moral civilizatória.

Freud (1996e) também comenta que o Superego, formado pelo agrupamento das forças morais inibidoras, realiza a manutenção das pulsões contidas no Ego, promovendo o sentimento de culpa, caso elas se externalizem. Como uma consciência moral, esta instância vigia e pune o Ego diante da iminência do neurótico em satisfazer sua sexualidade primária. É sobre a hostilidade humana e os desejos primários que o Superego precisa agir e barrar. A partir do recalçamento, os sujeitos passam a desconhecer seus verdadeiros desejos sexuais, já que estes, ao serem reprimidos, são barrados de se manifestarem conscientemente, por serem inconciliáveis às exigências morais e do Superego.

A pulsão destrutiva vinculada à vingança nos remete aos pensamentos de Bonnet (2008), o qual afirma que, em tais casos, a agressividade se expressa em sua forma mais crua, não elaborada, que se revela diante da ausência do objeto e do sentimento de angústia insuportável. Por esta via, o sujeito se sustenta na seguinte correlação: “[...] Me fizeram isso, eu devolvo cem vezes mais, eu refaço de um jeito pior ainda” (BONNET, 2008, p. 33). Para este autor, o que se movimenta psiquicamente é a intensa frustração diante da não correspondência do que se idealizava do objeto. Desse modo, o filicídio cometido por Medeia, conforme os apontamentos do próprio autor, poderia ser pensado como uma reação diante de sua condição de abandono, numa tentativa de apagar a história com Jasão e os frutos dela.

Essa configuração nos faz lembrar que, para Freud (1996b), o ódio é um dos primeiros movimentos do infante diante do mundo externo que se apresenta como ameaçador; ou seja, as primeiras relações objetais são permeadas pela hostilidade. Contudo, a passagem por fases do desenvolvimento sexual, somando-se o que já foi apresentado em linhas anteriores, geram rearranjos entre o psiquismo e a vida social, fazendo sucumbir a maior parte desta hostilidade. Mas supomos que a encenação trágica, por sua vez, mobiliza o princípio de prazer, o qual deve ser contido, sendo um dos meios as formações reativas. Freud (1996c) aponta a formação reativa como uma reação que atua no sentido contrário ao desejo: a hostilidade é silenciada pela bondade e amor ao próximo, instigados pela moral social religiosa. A partir do recalçamento, a formação reativa pode se processar, como, por exemplo, pelo nojo, timidez, repúdio ou o moralismo que irão contrapor o desejo humano retratado pelo meio externo. Tem-se, assim, um movimento de defesa adjunto ao recalque, que promove a renúncia da pulsionalidade sexual infantil.

A repulsa pelo ato filicida de Medeia seria, portanto, uma defesa do psiquismo, mobilizada pelo recalque em prol da manutenção da organização psíquica. Ao mesmo

tempo, sente-se, inconscientemente, algum tipo de inveja da heroína, por esta satisfazer seus desejos livremente, poder experimentar algo interdito no psiquismo neurótico (internamente) e pela sociedade (externamente).

Freud (1996a) refere-se sobre a criança não apresentar o pudor, o asco e a moralidade como apresentam os adultos após passarem pelo recalçamento das moções pulsionais e pelo controle das pulsões polimórfico-perversas. É justamente este polimórfico-perverso, que associamos por comparação às ações da heroína trágica, que causa tanto espanto. Por se tratar de algo recalçado, as reações diante de seu ato se apresentam como resistências contra estes conteúdos, contra o reconhecimento de sua existência; isto que é inadmissível por seu caráter sexual infantil. Assim, deve ser distanciado do Ego e da consciência para que não nos lembremos daquilo que se encontra em nosso próprio mundo interno. Por isso, são recebidos com oposições. Dessa forma, Medeia incomoda por fazer-nos ver, como que a céu aberto, a sexualidade infantil e a satisfação das pulsões parciais recalçadas pelo neurótico.

Sobre estes atos, pensamos ser incapazes de cometê-los. Entretanto, qualquer um em seu íntimo pode, sim, realizá-los, a depender das circunstâncias que podem provocar no sujeito o contato com seu conteúdo recalçado. Num paralelo com este pensamento, Cairus (2005, p. 11) afirma que “A tragédia de Medéia lembra ao ateniense, tão ciente do que fosse tornar-se grego, que havia o risco do inverso. O grande risco de Atenas: tornar-se bárbara.” Se transpormos essa ideia para o contexto psicodinâmico, podemos constatar que todos nós, ao termos contato com a peça trágica em pauta, estaríamos, de certo modo, no lugar do cidadão grego que se defende daquilo que se apresenta como distinto; os atos cruéis da personagem nos relembram um desejo e uma possibilidade de cometer atrocidades. Em outras palavras, há sempre o risco iminente de que o Ego perca sua estabilidade e seja dominado pelas exigências inconscientes diante de uma situação insuportável, subjugando-se aos imperativos pulsionais.

É a voracidade da pulsão sanguinária e desmesurada, que desvela o trágico, no sentido do horror, por se tratar do *unheimlich* de Freud (1996d), que o apresenta como algo que parece estranho aos sujeitos, pois geralmente se trata de algo já conhecido outrora, antes do recalçamento, mas que fora recalçado e, por isso, quando este conteúdo retorna, é tratado como estranho, inquietante, e que deveria permanecer oculto. O que seria julgado como estranho, ao invés de ser algo novo, na verdade, remontaria ao que é familiar, há muito conhecido, porém recalçado. Ou seja, aquilo que faz parte dos nossos conteúdos arcaicos, não pode ser admitido como nosso. A tragédia desperta o estranho, o inquietante, no espectador, aquilo que está presente em todos e se movimenta internamente pelo que é posto em cena. Quando há a ameaça do retorno do recalçado, os conteúdos são

tratados como aberrações para que permaneçam ocultos, mesmo diante da possibilidade de reaparição.

Pelo contato com algo advindo do mundo externo, o sujeito, em sua forma de perceber e dar sentido à cena de filicídio como algo repugnante pode experimentar alguns conteúdos reprimidos. De algum modo, a libido pode se expressar e ser satisfeita, como via inconsciente de prazer e alívio, ao mesmo tempo em que os mecanismos psíquicos atuam de maneira repressora diante daquilo que se vive inconscientemente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A personagem Medeia e seus atos, que nos levam a supor a eventualidade de uma satisfação pulsional intensa e sem barreiras, provoca a comoção no público justamente em função do trabalho de recalçamento pulsional. O que a heroína faz no campo mítico, tão explicitamente, é recalçado pelo público, que sente horror pelos atos cometidos por ela, especialmente no que tange ao filicídio. O insuportável em Medeia está na apresentação e realização daquilo que em nós é da ordem da pulsionalidade polimórfica-perversa de maneira crua, não lapidada, não simbolizada.

Assim, os temas trágicos atingem de maneira profunda as emoções dos espectadores e o sentimento de horror vivenciado deve-se ao fato de serem colocados em cena os aspectos recalçados do psiquismo humano. Como Monteiro (2008, p. 60) afirma, “O grande mistério do eterno sucesso das tragédias gregas continua residindo no admirável testemunho dos conflitos e embates mais profundos da alma humana.” Esta afirmação se solidifica quando lembramos que o sentimento de abandono e de frustração diante da idealização do objeto demarcam a maioria das relações humanas, a começar pela tríade edípica com as figuras parentais e suas reedições ao longo dos relacionamentos amorosos de cada um.

O desejo de atacar os objetos que evocam frustração é vedado pelos diques internos, processos de recalçamento e ações superegóicas. O filicídio presente nessa tragédia abala toda esta organização psíquica, de modo que as reações advindas deste contato se engendram como uma tentativa de reorganização e defesa contra os conteúdos avassaladores que atravessam o psiquismo neste encontro com o estranho, algo sempre presente em todos os sujeitos. A encenação da vingança de Medeia parece-nos colocar o princípio de prazer em aberto, sem mediações que o subvertam, um dos motivos pelo qual nos horrorizamos.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. 12. ed. Tradução: J. Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 19-52.
- BATISTA, JR. Isabella Nardoni completaria 18 anos neste sábado; mãe faz homenagem. *Veja [On-line]*, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/isabella-nardoni-18-anos/> Acesso em: 12 mar. 2022.
- BERLINCK, M. T. O que é psicopatologia fundamental. *Psicanálise e Universidade*, São Paulo, n. 7, p. 115-131, 1997.
- BONNET, G. *La perversion: se venger pour survivre*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.
- BRANDÃO, J. *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BRANDÃO, J. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. Vol. 3.
- BREUER, J.; FREUD, S. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. 2.
- CAIRUS, H. Medéia e seus contrários. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 27, n. 1/2, p. 9-11, 2005.
- EURÍPIDES. Medéia. In: OLIVEIRA, F. R. (Trad. e Org.). *Medéia: Eurípides*. São Paulo: Odysseus, 2006, p. 27-163.
- FREUD, S. Carta a Fliess, 15/10/1897. In: MASSON, J. M. (Ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 271-274.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Vol. 7, p. 119-231.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Vol. 12, p. 107-201.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. Vol. 14, p. 117-144.
- FREUD, S. O 'estranho'. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. Vol. 17, p. 234-267.
- FREUD, S. O ego e o id. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. Vol. 19, p. 13-89.

FREUD, S. Inibições, sintomas e angústia. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. Vol. 20, pp. 107-201.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996g. Vol. 21, pp. 81-178.

JABLONSKI, B. *Catarse da agressão: um exame crítico*. 1978. Dissertação (Mestrado em Psicologia Teórico-Experimental) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978. Disponível em: [http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_textos\\_sociologia/catarse\\_agressao.pdf](http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/catarse_agressao.pdf) Acesso em: 17 nov. 2021.

LESKY, A. Do problema do trágico. In: LESKY, A. *A tragédia grega*. Tradução: J. Guinsburg, G. G. Souza; A. Guzik. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 17-45.

LIMA, C.; BERTONI, F. F. Caso Nardoni. *Canal Ciências Criminais – JusBrasil [On-line]*, (n. d.). Disponível em: <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/328093525/caso-nardoni> Acesso em: 11 mar. 2022.

LOPES, G. S. Medéia, de Eurípedes: um olhar sobre tradição e ruptura, na tragédia grega. *Revista Urutágua*, Maringá, n. 14, p. 1-9, 2008. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/014/14lopes.PDF> Acesso em: 29 abr. 2022.

MARCO, M. D. Tragédia e polis. In: MARCO, M. D. *La tragédia greca: forma, giocoscenico, technedrammatiche*. 2. ed. Roma: Carocci, 2012. p. 67-82.

MARTINEZ, V. C. V. *A figura do herói: entre a falta e o excesso*. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MARTINEZ, V. C. V. Mito, historicidade e inconsciente. In: TOMANIK, E.; CANIATO, A. CANIATO; FACCI, M. G. (Orgs.). *A constituição do sujeito e a historicidade*. Campinas: Alínea, 2009, p. 221-247.

MARTINEZ, V. C. V. Dos mitos e dos seus heróis: o sexual, a cultura e a psicanálise. In: COSTA, P. J. (Org.). *Psicanálise e mitologia grega: ensaios*. Curitiba: Appris, 2017. p. 61-90.

MARTINS, E. J. P. *As Medéias de ontem e de hoje: uma discussão sobre o filicídio*. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. Disponível em: <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2015/emanuely> Acesso em: 2 nov. 2021.

MIGLIAVACCA, E. M. *Mitologia grega, uma luz sobre a apreensão psicanalítica da realidade mental*. 1992. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MIGLIAVACCA, E. M. *A dimensão trágica do psiquismo: um ensaio na perspectiva psicanalítica*. 2004. Tese (Livre-Docência em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MILLER, D. Orestes: mito e sonho como catarse. In: CAMPBELL, J. (Org.). *Mitos, sonhos e religião: nas artes, na filosofia e na vida contemporânea*. Tradução: A. L. Andrade; B. L. Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 28-49.

MONTEIRO, M. P. Trauer und Melancolie: Medéia revisitada. *Cógito*, Salvador, n. 9), p. 60-63, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cogito/v9/n9a13.pdf> Acesso em: 14 jan. 2022.

OLIVEIRA, F. R. Introdução. In: OLIVEIRA, F. R. (Trad. e Org.). *Medéia: Eurípides*. São Paulo: Odysseus, 2006. p. 13-25.

ROMILLY, J. *La tragédie grecque*. Paris: Quadrige/PUF, 1997.

SCHAFFA, S. Medéia, o feminino. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 76, p. 51-64, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v42n76/v42n76a04.pdf> Acesso em: 29 abr. 2022.

SILVA, J. A. A hýbris e a arrogância: uma possível relação entre mitologia grega e psicanálise. In: COSTA, P. J. (Org.). *Mitologia grega e psicanálise: reflexões*. Curitiba: CRV, 2014. p. 121-139.

**ALCIONE LUCENA DE ALBERTIM** - Possui Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, Bacharelado em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa, PB - UNIPÊ, Especialização em Psicanálise pelo Espaço Psicanalítico - EPSI, Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. É professora do Curso de Letras Clássicas da Universidade Federal da Paraíba e coordenadora do MYTHOS - Núcleo de Estudos da Mitologia Greco-Latina. E-mail: [alcionealbertim1856@gmail.com](mailto:alcionealbertim1856@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2199332614473916>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6047-4836>

**ANA FLÁVIA CICERO CONDE** - Psicóloga graduada pela Universidade Estadual de Maringá, especialista em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional pela Faculdade Cidade Verde, mestre e doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Atua como psicóloga na Prefeitura Municipal de Marialva, psicóloga clínica e docente do Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma) e do Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFateci – Paranaíba-PR). E-mail: [anaflaviaconde@gmail.com](mailto:anaflaviaconde@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2313286688009909>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3802-947X>

**ANGÉLICA CALARESÍ WOLFF** - Psicóloga clínica de crianças, adolescentes e adultos, especialista em Saúde Mental e Intervenção Psicológica pela Universidade Estadual de Maringá, mestre em Psicologia na linha de pesquisa Psicanálise e Civilização no I Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, membro docente da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM), formada em Psicoterapia Psicanalítica pelo Núcleo de Psicanálise do Norte do Paraná (NPNP). E-mail: [angélica.wolff79@gmail.com](mailto:angélica.wolff79@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3470367181874797>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3925-2761>

**CARLOS HENRIQUE BARBOSA VIEIRA** - Carlos Vieira é psicólogo psicanalista, atua em atendimentos clínicos desde 2019. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2018), com ênfase em saúde e processos clínicos. Sua área de estudo é focada na Psicanálise inglesa, sobretudo nos autores pós kleinianos como Donald Winnicott, James Grotstein, Robert Capier e Wilfred Bion. Além do interesse na área clínica, estuda psicopatologia psicanalítica, psicoterapia breve de orientação psicanalítica, diálogos entre psicanálise e arte. E-mail: [psicocarlosvieira@gmail.com](mailto:psicocarlosvieira@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1541583285317241>

**EMANUELLY JACKELINY PISSINATI MARTINS** - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, estudou Saúde Mental e Psicopatologia Infantil na Université Lumière Lyon 2 (Lyon – França), doutora em Psicologia no Programa de Pós-graduação em Psicologia na linha de pesquisa Psicanálise e Civilização, atua como psicóloga clínica em consultório particular e como psicóloga social na Prefeitura Municipal de Maringá. E-mail: [emmanuelly.psi@gmail.com](mailto:emmanuelly.psi@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7520228156407087>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4681-1637>

**GABRIEL CRESPO SOARES ELIAS** - Psicólogo, graduado pela Universidade Federal Fluminense, campus universitário de Rio das Ostras; mestrando no Programa de Pós-

graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense; membro-diretor da Liga Acadêmica de Saúde Mental e Psiquiatria (LiPsi), vinculada à Faculdade de Medicina da UFF, de Niterói. Desenvolve pesquisa sobre ética psicanalítica em sua articulação com a tragédia e a filosofia contemporânea. E-mail: gabrielcrespo@id.uff.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9053045000272885>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8701-9825>

**HEVELLYN CIELY DA SILVA CORRÊA** - Psicanalista, professora Adjunta da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará; mestre e doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio de doutorado sanduíche na Université Paris VII - Paris Diderot, psicóloga graduada pela Universidade Federal do Pará. E-mail: hevellyn@ufpa.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7758199768776827>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1924-0648>

**JOÃO MILTON WALTER TAVARES** - Possui graduação e mestrado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e doutorado pela Universidade de Brasília (UnB), cursando parte deste na State University of New York at Buffalo (EUA). Atualmente é docente no Centro Universitário UDF no Distrito Federal. Desenvolve pesquisa nas áreas da psicanálise em seu diálogo com a mitologia grega e com a literatura, buscando nesses campos já consagrados da subjetividade humana elementos para discutir a teoria psicanalítica e seu manejo clínico. E-mail: joamiltonwt@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7952204391446710>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0174-1041>

**LAURO BARBOSA** - Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro; professor assistente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: laurosb@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4667814255477411>

**MARIA CRISTINA POLI** - Psicanalista, doutora em Psicologia pela Université Paris 13, professora associada do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mccpoli@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6834915170027805>

**MAURICIO RODRIGUES DE SOUZA** - Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, professor associado IV no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (Faculdade de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia), coordena o grupo de estudos Subjetividade, Conflito e Cultura, vinculado ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq. E-mail alternativo: mrsouza@ufpa.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4730551301673902>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6290-000X>

**MICHELLE CINTYA BACINI** - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, especialista em Psicoterapia Psicodinâmica e Práticas Institucionais pelo Centro Universitário de Maringá, especialista em Psicoterapia Psicanalítica Contemporânea pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá. Participou dos cursos de Psicoterapia Psicanalítica do Núcleo de Psicanálise do Norte do Paraná e de Introdução a Psicanálise da Vincularidade - Dialética de família e casal, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E-mail: mibacini@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6658105629311902>

**PAULO JOSÉ DA COSTA** - Psicólogo clínico, doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá na linha de pesquisa Psicanálise e Civilização, coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Desenvolvimento Humano – CNPq/UEM, autor de vários livros, capítulos de livros e artigos científicos. E-mail: [pjcosta@uem.br](mailto:pjcosta@uem.br). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9274325679573119>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

**VIVIANA CAROLA VELASCO MARTINEZ** - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, doutora em Psicologia Clínica - Núcleo Psicanálise - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora associada da Universidade Estadual de Maringá na graduação e no Programa de Pós-graduação em Psicologia, na linha de pesquisa Psicanálise e Civilização, autora de vários capítulos de livros e de artigos em periódicos científicos. E-mail: [vcvmartinez@hotmail.com](mailto:vcvmartinez@hotmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3141306816608544>

**A**

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

**B**

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

**C**

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158  
Esfinge 82, 138, 139  
Espelho psíquico 56  
Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188  
Estado mental 4, 100  
Estados-limites 180  
Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63  
Estruturação do sujeito 109  
Etéocles 110  
Ética da clínica psicanalítica 23  
Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124  
Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186  
Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186  
Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203  
Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203  
Experiência cinematográfica 91  
Experiência de contato emocional 3  
Experiência emocional 3, 5  
Expressões míticas contemporâneas 89  
Êxtase 24, 174, 175, 180, 181  
Êxtase báquico 175

**F**

Falhas do ambiente 33  
Fedra 75  
Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152  
Fenômenos transicionais 33  
Figura materna 97, 98, 101  
Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203  
Fim trágico 92, 102, 103  
Formação do Eu 50  
Formação reativa 187, 199  
Fórmulas da sexualização 150, 151  
Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185  
Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69  
 Função do analista 156  
 Função do psicanalista 167  
 Função materna 33, 36, 44, 98, 151  
 Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95  
 Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196  
 Fundamento da clínica 158  
 Fundamentos da psicanálise 12  
 Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

**G**

Glauce 146, 189  
 Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

**H**

Hades 40, 42, 43, 45  
 Hécate 67, 73  
 Helena 69  
 Hélio 40, 67  
 Hemon 112  
 Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193  
 Hércules 69, 70, 83, 105  
 Hermes 68, 77  
 Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193  
 Hesíodo 5, 8, 60, 63  
 Hipólito 75, 84, 153  
 Histórias de captura 38, 46  
 Homem contemporâneo 19, 20  
 Homem psicanalítico 102  
 Homem trágico 103, 173  
 Homero 25  
 Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201  
 Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196  
 Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

**I**

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

**J**

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

**L**

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

**M**

- Mãe odiosa 145, 147
- Mãe suficientemente boa 98
- Mal-estar contemporâneo 12, 22
- Mal-estar pós-moderno 13
- Maternagem suficientemente boa 33
- Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152
- Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201
- Mênades 174, 177
- Mérope 128, 129, 130, 138
- Metamorfose 49
- Metanira 41
- Metapsicologia 21, 24, 61, 144
- Método psicanalítico 174
- Metonímia do desejo de falo 150
- Mídias contemporâneas 89, 90
- Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204
- Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122
- Mitologia contemporânea 90
- Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206
- Moções pulsionais 184, 196, 200
- Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194
- Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

**N**

- Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170
- Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63
- Narrativas mitológicas 89, 105
- Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

## O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

## P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

## R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

## S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sofrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2

Sufrimento psíquico 12, 13, 18, 22

Subjetivação da morte 110

Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206

Sublimação 23, 108, 110, 111, 122

Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150

Sujeito psicanalítico 103

## T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181

Témis 73

Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201

Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141

Tempo mítico 109

Tendência transgressiva 96

Teoria das pulsões 21, 109, 178

Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206

Tese falo-filho 150

Testamento 115, 116, 117, 165

Thanatos 7, 25, 27

Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197

Tirésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181

Tragédia da vida 23, 24

Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203

Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184

Triangulação edípica 39

## U

Ulisses 67, 77

**V**

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36

Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201

Vinho 54, 174, 180, 181, 182

Violência psíquica 3

**Z**

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

  
Ano 2023



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

  
Ano 2023

